

313ª SESSÃO SOLENE

09/12/2010

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca - PPS) - Está aberta a sessão. Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

A presente sessão solene destina-se à entrega da Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo à Sra. Ana Maria Araújo Santos, Ana de Ogum, nos termos do Decreto Legislativo 80, de 10 de novembro de 2010, de autoria deste Vereador, que contou com a aprovação unânime dos Srs. Vereadores desta Casa.

Passo a palavra ao Sr. Antonio Carlos Vieira Junior para a condução dos trabalhos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Senhoras, senhores, autoridades, sejam bem-vindos à Câmara Municipal de São Paulo.

Para compor a Mesa, convidamos os Srs. Cosme Aparecido Félix, Presidente da Ordem das Entidades Afro-Brasileiras; Anair Aparecida Novaes, Assistente Técnica da Coordenadoria Geral dos Assuntos da População Negra do Município de São Paulo, representando, neste ato, a Sra. Maria Aparecida de Laia, Coordenadora Geral; Leandro Rosa, Assessor da Assessoria de Cultura para Gêneros e Etnias da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo; Teresinha Bernardo, Professora da Pontifícia Universidade Católica - PUC - São Paulo; Deise Simões de Paula, Deise de Oxum, Secretária de Saúde da Ordem das Entidades Afro-Brasileiras; Eduardo Joaquim de Oliveira, ex-Presidente do Conselho da Comunidade Negra do Estado de São Paulo; Egbomy Conceição Reis D'Ogum, Coordenadora do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira - Intecab-São Paulo; José Walter Destefani, Vice-Presidente do Superior Órgão de Umbanda de São Paulo; Yalorixá Carmem de Oxum; Babalorixá Zenildo D' Bessen e Sra. Letizzia Felix, Diretora Administrativa do jornal((GRIFO)) *Tribuna Afro-Brasileira*.

Vamos receber a Sra. Ana de Ogum, nossa homenageada.

- Adentra ao plenário a homenageada, sob aplausos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos a todos para, de pé, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro.

- Execução do Hino Nacional Brasileiro.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Registramos e agradecemos a presença dos Srs.: Babalorixá Alexandre D'Ogum, Presidente da Associação Federativa dos Templos de Umbanda e Candomblé de Embu das Artes; Sueli Leonardi, Secretária do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo; Waldir Moura dos Santos, líder comunitário do Quilombo Guaianazes; Babalorixá Cláudio de Oxum; Babalorixá Rodinei D'Oxóssi; Babalorixá Francisco de Ossum; Walter José Ferreira; César Fernandes; Iyá Ekedji Ogulande, Diretora de Cultura de Matriz Africana do Primado do Brasil, do Centro Cultural Africano; Maria do Carmo Valério, Diretora-Presidente do Muene; Joselito Conceição, Tauá, Sacerdote de Matriz Angola-Congo; Ogan Romeu Oju Onirê, Ogan do Grande Oxalá Otun Alá; Ricardo D' Oxóssi, Axogum de Oxóssi; Flávio Luiz, Ogan Kulo, representando o Ilê Axé Omim Oxum Laió e Douglas Cabral, produtor e ator do Teatro Popular União e Olho Vivo. (Palmas)

Recebemos as seguintes mensagens cumprimentando-nos pelo evento: dos Srs. Luís Inácio Lula da Silva, Presidente da República do Brasil; Alberto Goldman, Governador do Estado de São Paulo; Gilberto Kassab, Prefeito do Município de São Paulo; Alda Marco Antônio, Vice-Prefeita do Município de São Paulo e Secretária Municipal de Assistência Social; Roberto Haddad, Presidente do Tribunal Regional Federal da 3ª Região; Barros Munhoz, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo; Fulvio Julião Biazzi, Presidente do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo; Edson Simões, Conselheiro e Presidente do Tribunal de Contas do Município de São Paulo; Mauro Ricardo Machado Costa, Secretário de Estado da Fazenda; Vicente de Paula Oliveira, Secretário-Adjunto de Estado de Assistência e Desenvolvimento Social; Bruno Caetano, Secretário de Estado de Comunicação; Luciano Almeida, Secretário de Estado de Desenvolvimento; Marcos Antonio Monteiro, Secretário de Estado de Gestão Pública; Lair Alberto Soares Krahënbühl, Secretário de Estado da Habitação; Paulo Renato, Secretário de Estado da Educação; João Sampaio, Secretário de Estado de Agricultura e Abastecimento; Pedro Rubez Jehá, Secretário de Estado do Emprego e Relações do Trabalho; Cláudio Lembo, Secretário Municipal dos Negócios Jurídicos; Edson Ortega Marques, Secretário Municipal de Segurança Urbana; Marcos Cintra, Secretário Municipal do Desenvolvimento Econômico e do Trabalho; Francisco Buonafina, Secretário Municipal de Participação e Parceria; Marcos Belizário, Secretário Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida; João Carlos Vilela Morgero, General do Exército e Comandante Militar do Sudeste; Álvaro Batista Camilo, Coronel PM e Comandante-Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo; Professor-Doutor João Grandino Rodas, Reitor da Universidade de São Paulo, e dos Vereadores: Adolfo Quintas, Alfredinho, Goulart, Aurélio Miguel, Chico Macena, Claudio Prado, Claudinho de Souza, Dalton Silvano, Domingos Dissei, Eliseu Gabriel, Floriano Pesaro, Natalini, Gilson Barreto, José Américo, Penna, José Police Neto, Juscelino Gadelha, Mara Gabrilli, Marcelo Aguiar,

Milton Ferreira, Netinho de Paula, Noemi Nonato, Paulo Frange, Quito Formiga, Toninho Paiva e Ushitaro Kamia, da Câmara Municipal de São Paulo.

Convidamos para o seu pronunciamento o Sr. Cosme Aparecido Felix.

O SR. COSME APARECIDO FELIX - A bênção, minha mãe Ana; a bênção, mais velhos; a bênção, meus irmãos. Foram 11 milhões de negros arrancados do Continente Africano e para cá trazidos sem serem questionados se queriam ou não vir. Junto com eles vieram nossas tradições e costumes, da religiosidade, do dia a dia.

Não é sem tempo o reconhecimento desta Nação. Mãe Ana é o mais absoluto símbolo da resistência da raça negra na Cidade de São Paulo. E todos nós, de pele clara ou escura, somos negros no coração, na alma, na convivência, na forma de ser. O respeito pela religiosidade de matriz africana não é somente por uma religião, mas por toda uma nação, por todo um povo, pela história do Brasil.

Mãe Ana representa na Cidade de São Paulo a história do nosso País, porque a cidade de onde ela provém é o berço dessa religiosidade, mas é o Brasil. E antes de sermos paulistanos, paulistas, baianos, soteropolitanos, nós somos todos brasileiros e afrodescendentes.

Por isso, mãe Ana, é que a Ordem das Entidades Afro-Brasileiras tem esse respeito com a senhora, mas principalmente com a história. Tive o prazer e a honra de conhecer mãe Ana nas suas atividades, mesmo não fazendo parte diretamente do seu Axé, mas pelo fato de ser um homem de candomblé. Acho que todos nós somos do mesmo Axé, porque somos todos de Orixá, somos da ancestralidade africana, mesmo sendo de Nkisi, ou de Mukixi ou dos Voduns.

Nosso Vereador mostrou em suas ações o motivo de ter sido eleito e de o termos como representante do povo, porque ele aqui está para representar o povo paulistano, mais uma vez, o nobre Vereador Claudio Fonseca. Esta não é a primeira ação que vejo deste homem junto ao povo paulistano.

Portanto, a Ordem das Entidades Afro-Brasileiras está feliz em ter nesta data a parceria maravilhosa entre o gabinete deste Vereador e da Casa de Axé, na pessoa da Sra. Ana Maria Araújo Santos, uma divindade viva entre nós, uma de nossas abás.

Parabéns, mãe Ana! Muito obrigado, nobre Vereador Claudio Fonseca, por honrar seu mandato. A Ordem das Entidades Afro-Brasileiras sente-se prestigiada nesta homenagem.

Muito obrigado. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos para compor a Mesa o Pai Juberli Varela, Presidente do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo. (Palmas)

Registramos e agradecemos a presença do Babarolixá Flávio de Yansan, Diretor do jornal((GRIFO)) *A Gaxéta*. (Palmas)

Convidamos para o seu pronunciamento a Sra. Anair Aparecida Novaes.

A SRA. ANAIR APARECIDA NOVAES - Boa noite aos mais velhos, Mãe Ana, meus ancestrais. Estou representando a Sra. Maria Aparecida de Laia, da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra que está em Brasília fazendo uma discussão de avaliação da Lei 10.639.

E ela incumbiu-me de não só parabenizar a mãe Ana, mas também de contar essa história. Estar na Câmara Municipal de São Paulo hoje não é uma tarefa muito fácil; não é fácil mostrar não só a nossa religiosidade, mas mostrar a nossa cara branca, mostrar a nossa cara negra, mostrar o nosso povo de Axé num lugar que é a Casa do Povo, onde, porém, não somos recebidos muitas vezes.

Somos guerreiros, somos de Axé, e esse também é o nosso lugar. Portanto, mãe Ana, obrigada! Porque a senhora nos traz uma tarefa de continuarmos essa luta e de estarmos em todos os lugares, indistintamente, seja na Câmara Municipal de São Paulo, na Assembleia Legislativa, no Senado, etc. Temos de estar em todos os lugares, porque representamos o povo brasileiro.

Muito axé para a senhora! E muito obrigado, nobre Vereador Claudio Fonseca, por esta iniciativa, porque também somos colegas de profissão, educadores, e temos essa missão. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos para o seu pronunciamento o Sr. Leandro Rosa.

O SR. LEANDRO ROSA - Boa noite. Cumprimento a Mesa, na pessoa do nobre Vereador Claudio Fonseca e a homenageada de hoje, Sra. Ana de Ogum.

Estar integrando a Mesa é uma honra. Este é um momento histórico importante, não só para a Cidade de São Paulo, mas para o Estado e para o Brasil. São momentos como este que nos dão mais força. Na figura da mãe Ana, podemos seguir nossa luta por mais políticas públicas na cultura e em outras áreas, com mais parceiros, com mais axé, com mais vontade.

O caminho é longo. Algumas batalhas são ganhas, outras são perdidas, mas homenagens como esta nos fazem, a cada dia, descobrir guerreiros, novas trincheiras de resistência, dando-nos mais vontade de trabalhar e trazendo novas vitórias.

Portanto, agradeço o convite nesta noite. Um axé para todos.

Muito obrigado. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos para compor a Mesa o Babarolixá Babá Pece, representante Máximo do Axé Oxumaré. (Palmas)

Convidamos para o seu pronunciamento a Professora-Doutora Teresinha Bernardo.

A SRA. TERESINHA BERNARDO - Boa noite. Vim celebrar os 50 anos de santo de mãe Ana de Ogum. E contarei um pouco da história da mulher negra, porque mãe Ana representa a resistência da mulher negra brasileira.

No Brasil, como em outros lugares, vivem mulheres que não são descendentes de deusas gregas, mas suas ascendentes são: Iansã, Ewá, Nanã, Oxum, Iemanjá, Ogum, Oxalá. São mulheres negras.

A memória dessas mulheres é nítida, clara. Lembram detalhes de suas vidas, dos grupos aos quais pertenceram no passado e a que pertencem no presente. As lembranças herdadas também fazem parte de suas memórias; sobretudo, dizem que gostam de lembrar.

Nesse sentido, a tradição oral explicaria o fato da memória das mulheres negras ser cristalina, detalhista, tanto dos fatos passados quanto dos mais recentes. E mesmo as situações de vida são narradas como se houvesse a participação do narrador.

Em outras palavras, a herança africana da oralidade instigaria o desenvolvimento da memória, que por sua vez desenvolve-se de forma a produzir novas aptidões, que serão exploradas pela cultura.

Desse modo, torna-se importante reconstruir o cotidiano da mulher negra. Ainda na África, um estudioso chamado Pierre Verger, ao remontar à importância da feira, especialmente para os iorubas, mostrava a presença das mulheres como grandes negociantes, sendo que no mercado, comparadas aos homens, as mulheres são maioria.

A autoridade da troca que ocorre nas feiras parece ser importante para as mulheres iorubas, pois elas se submetem à separação de suas famílias quando jovens, deixam seus lares para comercializarem em mercados distantes quando idosas, mandam suas filhas para as feiras importantes e permanecem perto de suas casas com seus tabuleiros ou abrindo pequenas vendas.

Evidencia-se, assim, que essas trocas realizadas nas feiras, tanto podem ser para subsistência como para alguma acumulação. Nesta, é importante sublinhar: a mulher não está trabalhando para o seu cônjuge. Ela compra a colheita de seu marido, revende-a na feira e fica com o lucro.

Nessa perspectiva, pode-se avaliar a autonomia da mulher ioruba. Deixa a própria família, embrenha-se em caminhos distantes para chegar às feiras; compra a produção de seu próprio marido, revende-a e permanece com o lucro. É, enfim, uma ótima comerciante.

Mas a sua importância parece ser mais abrangente à medida que se visualiza a feira como um lugar onde se encontram outras pessoas numa interdependência de ordem econômica, advinda da especialização do trabalho. Mas a

feira não possibilita somente a complementaridade econômica. Ela é o((GRIFO)) *locus* privilegiado de outras trocas. Além de bens materiais, nas feiras trocam-se também bens simbólicos, notícias, modas, receitas, músicas e danças. Estreitam-se relações sociais. Ali são realizadas alianças importantes; também ocorrem namoros e acertam-se casamentos. Percebe-se, assim, que o papel da mulher vai além do desempenhado nas atividades econômicas. Ela é mediadora não só em trocas de bens econômicos, como também de bens simbólicos. O lugar social ocupado pela mulher negra, sem sombra de dúvidas, possibilita-lhe o exercício de um poder fundamental para a vida africana.

Apesar dos dados atestarem a linearidade em relação ao poder religioso, os filhos são consagrados ao Deus do cônjuge. A mulher, ao praticar o culto de sua família de origem, está vinculada ao Deus paterno. Portanto, guarda uma certa autonomia em relação ao seu marido. Vou citar algumas interpretações. O casamento de um homem com várias mulheres indica a submissão feminina. Pode-se interpretar esse fato como o faz Verger, ao mostrar que a dominação masculina dilui-se entre as várias mulheres. Essa versão, aliada ao dado das mulheres no mercado, de ótimas comerciantes que conseguem amealhar fortunas consideráveis, faz com que elas se tornem, muitas vezes, mais ricas do que seus próprios maridos, mesmo porque é da competência masculina a subsistência das mulheres e dos filhos. Isso faz com que a versão do autor francês sobre a poligamia e a autonomia feminina ganhe muito mais sentido.

Ainda na África, outras situações vividas pela mulher merecem destaque. Na organização dos reinos Nagô e Iorubá, as mulheres desempenharam papel ativo. Eram elas que administravam o Palácio Real, assumindo os postos de comando mais importantes, além de fiscalizarem o funcionamento do Estado.

No século XVIII, as feiras e os mercados iorubás isolados articulavam-se em uma grande rede, ao mesmo tempo em que ocorria o processo de urbanização das cidades. Data dessa mesma época a fundação de duas associações femininas importantes, a Sociedade Ialodê e a Gueledés. A Ialodê era uma associação feminina cujo nome significa “senhora”, encarregada dos negócios públicos. Sua dirigente tivera lugar no Conselho Supremo dos chefes urbanos e era considerada uma alta funcionária do Estado, responsável pelas questões femininas, representando, especialmente, os interesses das comerciantes.

Enquanto Ialodê encarregava-se da troca de bens materiais, a sociedade Gueledés era uma associação mais próxima da troca de bens simbólicos. Sua visibilidade advinha dos rituais de propiciação à fecundidade e à fertilidade, a aspectos importantes do poder especificamente feminino.

É interessante notarmos que essas duas associações femininas estão diretamente referidas às atividades desenvolvidas pelas mulheres nas feiras, mais precisamente a mulher de mercado, a mediadora da troca, tanto de bens materiais quanto de bens simbólicos, que iriam dar origem, respectivamente, à Ialodê e à Gueledés.

Percebe-se, assim, que a mulher iorubá, além de deter o saber, de usar a autonomia que a própria família poligâmica lhe possibilitou, tornou-se a mediadora de

bens materiais e simbólicos, e foi ainda, no século XVIII, fundadora de associações femininas importantes. A poligamia parece ter sido a forma de família existente em grande parte da África negra. A interpretação dada por Verger às mulheres iorubas que viveram a família poligâmica é válida para outros grupos africanos. Tanto isso é verdade que uma autora brasileira afirma que: “A poligenia permitia que a mulher tivesse um certo controle sobre o fruto do seu trabalho”.

Durante quase cem anos, estudos que analisaram negros no Brasil, se não os viam como destituídos de tudo, viam-nos como mercadorias, que, no limite, é quase a mesma coisa. Em outras palavras, o olhar era externo. Mais do que isso, era do colonizador, sobretudo do traficante do senhor. O africano, ao contrário, continuou tanto como criatura quanto como criador. Dessa forma, durante a escravidão, na subterraneidade, o movimento das feiras ocorria em várias direções, iluminando uma outra visão da diáspora, anulando o caminho sem volta de uma única direção. É nessa perspectiva que devem ser entendidos os seus significados. Essas possibilidades permitem que a mulher negra mostre-se de uma forma importante, tanto na África quanto no Brasil. Vimos como ela chefia mercados, como ela amalha as economias e os títulos que recebe.

Vamos ver que, no Brasil, as associações que havia na África transformam-se. Por quê? Por causa das diásporas e, principalmente, da escravidão. Nas mulheres de mercado, vamos ver as ganhadeiras, que vão ser escravizadas ou forras, que permaneceram com o mesmo papel de mediadoras, tanto de bens materiais quanto simbólicos. Tanto isso é verdade que no Maranhão, mais precisamente na cidade de São Luís, encontraremos várias mulheres negras que serão comerciantes.

Minha bisavó era uma comerciante, fazia o comércio de feiras na Cidade de São Paulo. Estou retomando esse poder da mulher negra por meio da história. Sinto que as pessoas ficam cansadas com a história do Brasil. É importante celebrarmos a Mãe Ana de Ogum. Essa mulher negra torna-se também chefe. É da hierarquia religiosa. Ela se encontra no poder supremo em termos religiosos. No Brasil, os primeiros terreiros de que se tem notícia foram fundados por mulheres. Isso me leva a falar de outra situação. Falei muito da família poligâmica. Ela se desfaz, não por causa da poligamia, mas por causa da escravidão. A família de santo, constituída no Candomblé, vem assumir o papel da família perdida durante a escravidão.

Muito obrigada. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Registramos e agradecemos a presença da Sra. Iyá Wanda D'Oxum e dos Srs. Euclides Belchior, Babalorixá da Tenda de Umbanda Pai Belarmino, da Casa Verde; Fernanda de Paula, Coordenadora de Cultura Unegro e Rodrigo Gonçalves, Babalorixá. (Palmas)

Na sequência dos pronunciamentos da Mesa, convidamos o Sr. Eduardo Joaquim de Oliveira.

O SR. EDUARDO JOAQUIM DE OLIVEIRA - Boa noite a todos. Saúdo, carinhosamente, os membros da Mesa presidida pelo nosso brilhante Vereador Claudio Fonseca. Cumprimento meus amigos Cosme e Zé Luis, muitos outros amigos e tantos que se fazem presentes.

Sou um privilegiado. Nós somos privilegiados. Temos a nossa religião que, na minha ótica, é a que mais cresce no nosso país. Digo isso porque, em 1976, viajando um pouco ao passado, tive a oportunidade de levar à cidade de Santos, 25 ônibus para o banho da Doroteia. De lá para cá, a Prefeitura de Santos, preocupada com nosso crescimento e desenvolvimento, articulou-se e acabou transferindo o nosso encontro religioso para a cidade de Praia Grande.

Quando todos pensavam que a partir daquele momento haveria um desestímulo de nossa parte, o que aconteceu é que, agora, Praia Grande é quem está preocupada com o aumento do número de adeptos e participantes da nossa brilhante religião.

Agradeço carinhosamente seu convite, Vereador. Agradeço à mãe Ana e repito: sou um privilegiado, principalmente por ter seu carinho, amizade e bênção, assim como os demais que conviveram comigo no Conselho da Comunidade Negra. Muito obrigado e peço que continuemos. Não se trata de uma luta. Nossa religião não briga com as outras. Não sei se as outras brigam com a nossa, mas se o fazem, há um equívoco. A cada momento, em nossa religião, o que percebo é que os adeptos aumentam. E se esse falatório, se esses comentários nos favorecem, então que continuem. Não precisamos falar mal de ninguém, e, sim, abençoar a população de São Paulo e do Brasil, um país que caminha bem.

É isso que devemos fazer. Obrigado. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Neste momento, convidamos, para seu pronunciamento, o Babalorixá Babá Pece, Sr. Sivanilton da Encarnação da Mata.

O SR. SIVANILTON DA ENCARNAÇÃO DA MATA - Boa noite a todos; cumprimento a Mesa na pessoa do Vereador Claudio Fonseca, a quem agradecemos pelo espaço dado a esse grande evento que é o Odum Adotá que, num primeiro momento, aconteceu em Salvador, com muito brilho.

Essa iniciativa do Odum Adotá ser comemorado; essas ebomis - ebomi Ana, ebomi Valquíria, ebomi Beth e ebomi Elza - surgiram de uma pequena conversa e, daí, nasceu a ideia. O mais importante é que não ficou somente dentro de nossos espaços, mas invadiu outros espaços, como este da Câmara Municipal de São Paulo, assim como em Salvador, onde também aconteceu. Lá, o parlamentar que conseguiu a realização desse evento foi o Vereador Carballal. E, muitos outros, com a grande participação das Câmaras de Vereadores, dos políticos e seus representantes, inclusive do Ministério da Cultura.

Esse momento, entretanto, não é simplesmente o Odum Adotá, é para que o nosso povo de santo possa ocupar esses espaços que também nos pertencem. São

espaços que, muitas vezes, nem buscamos para ocupar; não só o povo de santo, mas também o povo negro, antes excluído e que, hoje, pode também ocupar esses espaços.

A Cidade de São Paulo e esta Casa estão de parabéns por abraçar esse evento, esse grande momento da história do Candomblé. É a primeira vez, no Brasil, que acontece um evento desse nível, de reverência a grandes iás e ebomis do axé. Que isso não seja só a nós, mas a tantos outros espaços e terreiros.

Nosso povo, como foi dito aqui, cresce a cada dia. Ainda assim, o crescimento também precisa de consciência religiosa, de as pessoas assumirem sua religiosidade; da coragem de dizer “não” a quem faz discriminação para conosco. Posso dizer que somos discriminados, pois, na minha vinda para cá, permitam-me contar rapidamente, algumas pessoas se benziam; que triste! Nós convivemos com os diferentes e não discriminamos ninguém.

Uma pessoa disse: “Siga-nos que o levarei até o local”, mas quando chegou nas proximidades, ele entrou em uma contramão e quase ocasionamos um acidente. Não aconteceu porque os Orixás Ogum e Exu, nossos mensageiros, naquele momento, nos abraçaram e disseram: “Não”. E não aconteceu.

É, mais uma vez, uma questão de respeito. Dizer tolerância, não. Não é isso. Não queremos que nos tolerem, queremos que nos respeitem. (Palmas) Então, isso fez com que buscássemos esses espaços, o espaço do poder, o espaço em que resolvemos as questões desta cidade. E que este espaço - Vereador - seja de agregação e respeito a todos os segmentos religiosos. Meus parabéns!

Parabéns, também, às ebomis Ana, Valquíria, Beth e Elza, que estão no mesmo barco, comemoram juntas 50 anos de iniciadas. São mulheres guerreiras que lutaram para que nós, jovens, pudéssemos ocupar este espaço. Antigamente, nem sequer na porta podíamos passar, pois a polícia nos agredia, éramos presos, não tínhamos direito de usar um fio de contas. Elas sabem disso, vieram de Salvador.

A ebomi Ana sabe o que foi a época da perseguição, da repressão, pois nela viveu. E hoje esta mulher representa uma conquista com base na resistência. Dizemos então: estamos vivos, somos do Axé. Após os maus momentos vividos, pudemos buscar outros locais para decidirmos questões do nosso povo. Nós somos, independentemente de religião, cidadãos! (Palmas)

Neste momento, farei um cântico porque o nosso ritual é diferente. Por isso, resistimos até hoje, nos momentos em que nossos ancestrais sofriam, apanhavam, eram chicoteados, pois éramos a imagem e semelhança de Satanás, nós não tínhamos alma, éramos discriminados.

Hoje todos nos querem, mas quando aqui chegamos, ninguém nos queria, nenhuma religião nos aceitava, éramos de Satanás. Não podíamos entrar nas igrejas, não podíamos ocupar qualquer espaço, o movimento social das igrejas, o Pentecostal que vive nos atacando 24 horas por dia; se não fôssemos nós, a quem iam atacar? Somos o alvo, nós incomodamos os segmentos, por isso nos atacam. E nos atacam porque não procuram nos conhecer, não entendem qual é a prática da nossa religião.

Falam sem conhecimento, falam sem saber; se tentassem, entenderiam que é a lei da vida, porque o Candomblé é a natureza viva, é respeito a tudo! (Palmas)

Este é um momento de festa, é Odum Adotá, vamos celebrar. Quero lhes dizer que toda a nossa comunidade, o nosso povo, o Ebé Ojú Onirê, o Ebé Oxumaré, todos os Axés do Brasil, seja qual for a denominação, estejam em festa!

Posso dizer, Vereador, as pessoas aqui presentes representam, cada uma delas, cinquenta, sessenta, mil pessoas, porque são representações de sacerdotes. Os seus filhos foram impedidos, talvez pelo horário, pelo trabalho, pelo próprio dia, pelo tráfego da Cidade, de aqui chegar. Mas sei também que São Paulo festeja neste momento o Odum Adotá.

Então, vamos ao cântico, com as nossas iabás festejando Odum Adotá.

- Apresentação de cântico, com a participação dos presentes.

O SR. SIVANILTON DA ENCARNAÇÃO DA MATA - Que Oxum, que Iemanjá, que todas as iabás continuem nos abençoando. Somos filhos das iás, das grandes mães; que estejam sempre junto a nós para nos protegerem, porque quando choramos, buscamos o colo de uma mãe para derrarmos as nossas lágrimas.

Axé! Que Bobo Orixá tome conta de todos nós!

- Apresentação de cântico, com a participação dos presentes.

O SR. SIVANILTON DA ENCARNAÇÃO DA MATA - Que tenhamos paz, sossego e saúde. Que neste País, em que a violência assola, que nós, povo de santo, cada um no seu espaço, no seu terreiro, peçamos que o povo brasileiro tenha a boa direção. Que os poderes públicos percebam que precisamos de políticas públicas, de ações sociais. Não dá mais!

A violência nas grandes favelas do Rio, de Salvador, de São Paulo precisa terminar. Tudo é Brasil, todos nós somos brasileiros. Precisamos buscar a paz, e os poderes públicos, juntamente com a comunidade dos terreiros e aqueles que desenvolvem um trabalho social, possam desenvolvê-lo cada vez melhor. Precisam ser fortalecidas as comunidades que têm ação social para que continuem com seu trabalho.

Vereador, assim fazemos em nossos espaços. Em nossos espaços as curas não são ilusionistas, temos ação direta com o povo. Muitas vezes, tiramos jovens e adultos do crime, do tráfico, de situações que afligem a sociedade. Nossas comunidades precisam de apoio, de fortalecimento para continuar seu trabalho, não só em São Paulo, mas em todo o Estado brasileiro. Axé!

(Palmas prolongadas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Registramos e agradecemos a presença do Sr. Ricardo Bonaparte, Chefe de Gabinete do Secretário Marcelo Dourado, Secretário de Desenvolvimento Econômico Social e do Trabalho do Município de Carapicuíba. (Palmas)

Anunciamos o pronunciamento de Egbomy Conceição Reis D'Ogum.

A SRA. EGBOMY CONCEIÇÃO REIS D'OGUM - Boa noite a todos. Depois dessas sábias palavras, dá até receio de me pronunciar. Eu saúdo a Mãe Ana de Ogum, Ana Maria de Araújo. Sou ativista de movimento negro; chata, persistente, guerreira, mas é a senhora, Mãe Ana, que é o nosso ícone, nossa personalidade e, neste momento, nossa celebridade.

Nobre Vereador Claudio Fonseca, trago também para o senhor os abraços do Governo Federal, do nosso Ministro Eloi Ferreira de Araújo, de Política para a Promoção da Igualdade Racial; também um grande abraço daquele povo que trabalha por nós, da Fundação Cultural Palmares. Por meio do Babalorixá Francisco de Oxum, trago saudações do Deputado Campos Machado. Mãe Ana, a senhora não é só uma iá, é mais do que isso. E quero saudá-la mais uma vez, por meio da Soraia, filha biológica que nos atende com sorriso e persistência porque nós somos chatas, mas persistentes.

Queremos falar com a iá, com a mãe, com a amiga, queremos falar de um modo carinhoso com a nossa matriarca, com todo o respeito - Mãe Ana. Com a nossa pretona, com a nossa nega, com a nossa neguinha, porque é assim que somos reverenciados nos Estados. Mas é pela senhora, Mãe Ana, e por meio do nobre Vereador Claudio Fonseca que almejamos ter uma praça com o nome de Ana Maria de Araújo. É um compromisso que gostaríamos que V.Exa. assumisse, nobre Vereador, com este povo que está aqui, porque quem está aqui são as nossas celebridades, são as nossas personalidades e é o povo do santo de São Paulo.

Também estão aqui a Valquíria de Oxum, tia Beth de Oxalá, Nilza de Ogum; é um prazer recebê-las na cidade que não é mais a da garoa, mas é uma cidade que também quer disputar espaço político. Hoje estamos aqui para essa disputa, para mostrar nossa cara. Sabe por quê, nobre Vereador? Porque somos cidadãos brasileiros, votamos, e nós somos de uma religião que é milenar, que é a religião afro-brasileira de matrizes africanas. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Anunciamos as palavras do Sr. José Walter Destefani.

O SR. JOSÉ WALTER DESTEFANI - Minha bênção aos mais velhos, aos meus queridos amigos e irmãos de fé. Saúdo o Presidente da Mesa, Vereador Claudio Fonseca, nossa querida homenageada da noite, Ana de Ogum, digna representante da religião de matriz africana do Candomblé.

Como é maravilhoso estar aqui nesta noite! Nesta homenagem, em que ouvimos pronunciamentos tão bonitos, bebemos dos conhecimentos dessas grandes luzes religiosas. Sou Vice-Presidente Superior de Umbanda hoje, mas antes de o ser, por três administrações fui diretor jurídico. E é óbvio que numa noite como hoje, na homenagem que está sendo feita à nossa querida Mãe Ana, não poderíamos deixar passar despercebidas as discriminações que temos sofrido continuamente.

À frente do Departamento Jurídico do Superior de Umbanda, tivemos simplesmente, na minha gestão, 74 mandados de segurança contra abusos do nosso povo de Axé. Hoje, demos um passo muito grande que é o Estatuto da Igualdade Racial. Por mais céticos que sejamos, é impossível não reconhecer que o Estatuto da Igualdade Racial é um avanço. A existência de um ordenamento jurídico que reconhece o racismo no Brasil demonstra que a sociedade está apta a enfrentar desafios inerentes ao tema.

O Estatuto é um ponto de partida para que o Governo passe a discutir políticas destinadas ao negro. Os que me antecederam foram muito felizes em certas observações; o primeiro passo é a educação. O que não podemos aceitar é a inclusão social de dois negros amigos da corte, como forma de disfarce das denúncias escancaradas. É preciso implantar políticas afirmativas para desenvolver o processo de inclusão social. É o que exatamente foi mencionado anteriormente.

Há pouco, estava vendo a entrevista da nossa homenageada, querida Mãe Ana, e ela citou uma data que me chamou a atenção: 1951. Desde 1951 o ordenamento jurídico brasileiro conta com dispositivos inibitórios ao racismo, mas ainda não foi encontrada uma forma para bani-lo. O Estatuto é o primeiro passo. A Constituição, em seu artigo 5º, prevê o crime de racismo como inafiançável; temos outras leis aplicáveis ao tema cuja prova do delito é praticamente impossível e a prescrição ocorre em curto espaço de tempo. Vejamos o artigo 4º da Lei 7.716/89: "Negar e obstar emprego em empresas privadas". Ora, jamais se obterá uma prova de que o candidato não foi admitido em razão de sua cor ou raça. A disposição é um avanço ao reconhecer a verdade dos fatos, até então omitidos, estabelecendo normas e formas de conduta para buscar a igualdade de oportunidade. A disposição para transformar o que existe em busca da igualdade racial e social é um bom começo.

São sempre bem-vindas todas as manifestações políticas e sociais que tenham como objetivo aprimorar a cidadania de todos os grupos étnicos num país tão plural como o Brasil. Não há como negar a relevância do Estatuto da Igualdade Racial, instituído por meio da Lei 12.088/10. O Estatuto procura eliminar ao máximo as injustiças históricas e atuais e garantir, como um todo, a igualdade de oportunidade entre grupos e indivíduos em termos de classe, etnia, gênero, religião e cultura. O Estatuto constitui, por assim dizer, as reivindicações de um grupo desde sempre subalternizado pela sociedade brasileira.

Acredito que esse documento poderia ter sido mais aprimorado, até conceitualmente, se tivesse sido debatido pelas diferentes instâncias da sociedade brasileira, o que, infelizmente, não ocorreu em momento algum enquanto estava sendo elaborado. Imaginem se fôssemos consultar as grandes sabedorias o que poderíamos ter, aproveitando essa oportunidade dentro do nosso estatuto racial. O

estatuto racial, na sua leitura, revela fatos, quase sempre redundantes de diversos fatos do movimento negro. Nota-se neste momento a preocupação do Estatuto da Igualdade Racial de, inicialmente, contemplar toda a diversidade étnica, para só depois focar a questão específica do negro. É incrível, mas é a realidade. É oportuno lembrar que neste ano de 2010, o Brasil perdeu mais de um quarto de sua pontuação no ((GRIFO)) *ranking* de Desenvolvimento Humano, quando as Organizações das Nações Unidas - ONU ajustou um indicador para contabilizar desigualdades da distribuição de renda, educação e saúde na proporção brasileira, em síntese, para além do Estatuto de Igualdade Racial. O País precisa de um estatuto ou política que promova a igualdade socioeconômico e cultural; que contemple a todos os grupos que compõem a grande diversidade brasileira da qual o negro é parte histórica e atual.

O que resta dizer, nesta noite, graças à atitude do nosso eminente Vereador Claudio Fonseca e sua coragem? Tenho certeza absoluta de que ele também, às vezes, é criticado por abrir esse espaço e abrir os braços, recebendo o nosso povo do Axé, em especial, nossa homenageada de hoje. Peço a todos, de pé, uma salva de palmas à nossa homenageada e ao nosso ilustre Vereador! (Palmas)

Axé a todos! (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Neste momento, Pai Varela irá oferecer uma homenagem à Iya Ana de Ogum.

- Entrega da homenagem, sob aplausos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Com palavra o Pai Varela.

PAI VARELA - Autoridades presentes, irmãos da religiosidade, Mãe Ana, me abençoe. Estou aqui para quebrar um tabu. Pela primeira vez na história da Umbanda como presidente do Superior Órgão de Umbanda, venho fazer uma homenagem a Mãe Orixá de Candomblé. Vim quebrar esse tabu e dizer: Mãe Ana, essa árvore frondosa que você representa na religiosidade, quero estar nessa sombra. Nós umbandistas respeitamos e nos irmanamos a todos as religiões. Estou aqui com o coração cheio de amor para lembrar nossas raízes, nossos fundamentos, nosso respeito ao povo que inseriu na cultura do Brasil a miscigenação de todos nós que estamos aqui.

Fazemos parte dessa cultura, dessa árvore de que foi lançada uma semente. Peço licença à Soraia: não foi só você a semente, nós também somos sementes dessa árvore. (Palmas) A nossa palavra é uma semente. E quando essa nossa palavra é uma semente, muitas vezes somos caluniados pelo nosso próprio sangue, que é ele quem envenena o corpo. Muitos de nós exercemos a nossa função como sacerdotes e mensageiros da Paz, mas somos recriminados pelos nossos próprios filhos, parentes ou irmãos de sangue.

Você está aqui, minha guerreira, testemunhando a raiz forte dessa árvore. A Egbomy Conceição foi muito feliz em dizer do merecimento da placa de rua em sua homenagem. Mas sabemos e fomos confirmados pelo nosso Vereador Claudio Fonseca que não é permitido, em vida, fazer homenagem em logradouros com o nome de pessoas. Por isso, não desrespeitando minha irmã Egbomy Conceição, que também faz parte da Administração do Superior Órgão de Umbanda: Mãe Ana, tomara que você não seja placa de rua tão cedo! (Palmas)

O Parlamento Mundial da Paz, de que também faço parte como embaixador - e temos aqui representantes embaixadores também do Parlamento Mundial da Paz - traz um forte abraço para você. O Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo, pela primeira vez, repito, faz uma homenagem a Mãe Orixá e Candomblé.

Mas quero dizer aos meus irmãos da espiritualidade, muitos dos nossos irmãos nasceram dos nossos pretos velhos, dos nossos caboclos, dos nossos Oguns, dos nossos baianos, dos nossos castiços, dos nossos boiadeiros. Mas lhe trago um abraço, Mãe Ana, de quem sou propagador, de quem enfrentei os preconceitos, de quem procurei levar para a rua, para o campo, para a consciência do povo, que chama-se Exu Tiriri, que lhe trouxe, em meu nome, uma bênção e um abraço de fé, para você, Mãe Ana.

O Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo, na pessoa deste humilde irmão que vos fala, representado pelos nossos irmãos que se encontram na Mesa, agradece por esta oportunidade e convida a todos vocês, meus irmãos, a comungarmos em uma fé viva de fraternidade, de irmandade, coragem e lealdade. Saibamos: estamos em um ano de renovação.

Nunca se ouviu falar tanto em homenagem ao nosso povo como neste ano. Vários vereadores, deputados e senadores homenageando - será que não é a resposta de Xangô: quem deve, paga, mas quem merece recebe?

Mãe Ana, nós já sabemos sua história. Se formos contar, vamos falar muito mal de São Paulo, mas bem dos orixás. A cultura, o crescimento e a evolução de São Paulo também se devem ao povo do santo. Deve muito, e a sua palavra repercutiu para o mundo inteiro; no Japão, Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha, nós ouvimos falar de Mãe Ana. É ou não uma semente desse fruto, dessa árvore maravilhosa? Portanto, Mãe Ana, nos abençoe com o seu axé em todos os momentos. Que Deus lhe dê todas as bênçãos possíveis e a cubra com os mentores de cura, protegendo-a.

Ao meu Vereador, nós agradecemos e pedimos a V.Exa. que nos acompanhe e nos dê força e subsídio nas nossas atividades sociais. Somos comércios, indústrias, leis, impostos, enfim, tudo o que faz parte da formação da nossa Cidade e Estado, portanto, da cultura brasileira e da história de São Paulo. A referência de nosso povo é amor, vida e uma bandeira que o Superior Órgão de Umbanda e todos os umbandistas carregam, a bandeira branca da paz.

Muito obrigado. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos para o seu pronunciamento o Presidente e proponente desta solenidade, nobre Vereador Claudio Fonseca.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca - PPS) - Boa noite. Primeiramente, peço que apreciem essa belíssima foto que aí está, uma criação extraordinária, muito bonita. Uma foto que expressa muito a cultura africana e o povo brasileiro que é a soma de muitos povos. E também expressa a Cidade de São Paulo, que é o símbolo da convivência - às vezes conflituosa - de todas as etnias que para cá vieram. Somos mais de 72 nacionalidades nesse espaço paulistano, e, através dessa mistura, criamos também práticas de convivência.

A Câmara Municipal não poderia ser indiferente a isso, como todos que me antecederam disseram. Uma instituição que representa o povo não pode negar espaço a uma parcela desse povo, e se esta é a primeira solenidade, que seja a primeira de muitas. Creiam vocês que este não é um espaço concedido e nem proporcionado pelo Vereador; é um espaço conquistado que não é só do contribuinte, mas também da pessoa humana, que deve ser respeitada na expressão de sua religiosidade.

Cumprimentamos os Srs. Cosme Aparecido Felix, Presidente da Ordem das Entidades Afro-Brasileiras; Maria Aparecida de Laia, Coordenadora Geral da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra do Município de São Paulo; Leandro Rosa, Assessor da Assessoria para Gênero e Etnias da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo; Professora Teresinha Bernardo, representando a Pontifícia Universidade Católica - PUC; Deise Simões de Paula, Secretária de Saúde da Ordem das Entidades Afro-Brasileiras; Egbomy Conceição Reis, Coordenadora do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira; José Walter, Vice-Presidente do Supremo Órgão de Umbanda de São Paulo; Iyalorixá Carmen D'Oxum; Babalorixá Zenildo D'Bessen; Letizzia Felix, Diretora Administrativa do jornal((GRIFO)) *Tribuna Afro-Brasileira*; Eduardo Joaquim de Oliveira e Babalorixá Baba, representante máximo do Axé Oxumarê.

Vou falar um pouco da nossa homenageada, Sra. Ana Maria Araújo Santos - Ana D' Ogum, baiana como meus pais, corintiana como eu e mais alguns dos presentes.

Nascida na cidade de Valência, interior da Bahia, em 1944, e tendo estabelecido domicílio na Cidade de São Paulo, no início dos anos 70, Mãe Ana D'Ogum construiu uma trajetória de vida que a credencia como uma das mais dignas representantes de uma das mais significativas organizações culturais afro-brasileiras, o Candomblé.

Independentemente do credo professado por cada um de nós, assegurado pela Constituição Brasileira, seja ele exercido em Igrejas, Mesquitas, Sinagogas, Templos ou Terreiros, é importante a liberdade de expressão de culto religioso representada pela pluralidade religiosa existente em nosso país e manifestada de forma intensa na Cidade de São Paulo.

Homenagear a figura ilustre de Mãe Ana de D'Ogum, pertencente a uma religião que traz na própria raiz a gênese da formação do povo brasileiro é, para mim,

uma honra muito grande; poder, dentro da prerrogativa deste mandato, propor e ter aprovada tão justa e merecida homenagem em reconhecimento a esta senhora que é uma das mais respeitadas lideranças religiosas da nossa Cidade.

Espero que com esta homenagem possamos, a partir de agora, abrir caminhos no sentido de consolidar, cada vez mais, em São Paulo, o cumprimento da Constituição Federal vigente, promovendo a convivência fraterna e espiritual, com respeito à diversidade cultural e religiosa; que possibilite o desenvolvimento de atividades de caráter ecumênico, respeitando-se as práticas próprias de cada seita ou religião.

É em reconhecimento a essa notável contribuição que Mãe Ana D'Ogum tem prestado a São Paulo, seja como mulher, cidadã ou sacerdotisa, que a Câmara Municipal de São Paulo, através de minha iniciativa, aprovou esta justa e merecida homenagem que lhe outorga a Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo à primeira Iyalorixá, Sra. Ana Maria Araújo Santos.

Nesta oportunidade, gostaria também de cumprimentar uma pessoa, que vi muitas vezes, no dia a dia, organizando esta atividade com muito zelo e cuidado. Percebíamos seu interesse em fazer uma coisa bonita em homenagem à Mãe Ana D'Ogum; estou falando de Dona Rosa. Pouco tempo eu tive de cumprimentá-la, mas observei que ela ajudou muito minha assessoria a organizar esta solenidade.

Para encerrar, vou repetir as palavras de um cantor popular, Itamar Assunção, morador da Penha, que, ao cumprimentar as pessoas, ao final, para saudar a todos, dizia: "Deus que preteje a todos".

Muito obrigado. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos os presentes para, de pé, assistirmos à entrega da Medalha Anchieta à ilustre homenageada, Sra. Ana Maria Araújo Santos - Ana D'Ogum.

"À Sra. Ana Maria Araújo Santos, com a Medalha Anchieta, a Gratidão da Cidade de São Paulo pela sua Câmara Municipal. Palácio Anchieta, 09 de dezembro de 2010. Antonio Carlos Rodrigues, Presidente."

- Entrega da Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo à Sra. Ana Maria Araújo Santos, sob aplausos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos os presentes para, de pé, assistirmos à entrega de homenagem às Sras. Iya Valquíria de Oxum e Iya Beth de Oxalá.

- Entrega de flores às Sras. Valquíria de Oxum e Beth de Oxalá, sob aplausos.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos para uma foto oficial: Babalorixá Pece, Ogã Pedrinho, Valquíria de Oxum, Beth de Oxalá, Ekedí Soraia, Ekedí Rosa Figueiroa, Tia Ilza e os netos Leonardo e Caio.

- Registro fotográfico.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos, para o seu pronunciamento, a Iyalorixá Carmem de Oxum.

A SRA. CARMEM DE OXUM -((GRIFO)) *Motumbá*. Boa noite. Tia Ana, minhas ebomis, meus ebomis, babalorixás, iyalorixás, fiz e faço questão de estar presente como iyalorixá, como sacerdotisa a esta solenidade, representando nosso culto e tomando a bênção. Porque é todo dia, é toda hora que se carrega nas nossas costas negras o cargo, o posto de Iyalorixá, que significa ser mãe, educadora, psicóloga; que significa, Pai Francisco, Pai Valter e irmãos, ter de dar conta de todos os problemas que nos trazem as pessoas que muitas vezes nos batem à porta.

Agradeço ao Vereador Professor Claudio Fonseca por esta oportunidade, por este momento importante. Escolhi algumas palavras que tomei de empréstimo para ler a vocês.

“Diferenças são naturais. São elas que fazem de nós pessoas únicas. Entretanto, desigualdades têm origens econômicas e sociais como o desequilíbrio na distribuição de renda, o desemprego e o racismo. Nossa realidade desigual tem suas raízes na colonização brasileira e deve ser combatida por todos nós. Precisamos valorizar nossa cultura e reconhecer nossas raízes e origens. Esse é nosso direito e nosso dever para a construção de uma sociedade mais justa. Somos todos diferentes, mulheres e homens, de todas as raças; porém, com direitos iguais”.

Essas sábias palavras foram ditas por alguém cujos antepassados, com certeza, passaram por situações de constrangimento e de desigualdade, as quais ainda afetam a todos nós.

Agradeço-lhe, Mãe Ana, por a senhora existir. Agradeço às minhas ebomis pela resistência. Agradeço aos babalorixás homens e às iyalorixás, aos iniciantes e a todas as pessoas que, como o Vereador Claudio e Cosme Felix, acreditam em nós. Obrigada a vocês por nos darem a oportunidade de nos expressar.

Fiz questão de me pronunciar hoje e tomar a bênção da senhora, Mãe Ana, e de todos. Saúdo o Vereador Claudio por esta oportunidade que nos dá.

Muito obrigada.((GRIFO)) *Motumbá* e a bênção a todos. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Convidamos, para seu pronunciamento de agradecimento, a Mãe Ana D'Ogum.

A SRA. ANA MARIA ARAÚJO SANTOS - Boa noite a todos.((GRIFO))
Motumbá. Vocês sabem que não domino muito nem a caneta nem os livros, mas agradeço ao Ilê Axé Oxumarê, à minha Iyalorixá Simplícia D'Ogum, aos filhos, amigos, netos e às minhas irmãs. Não estou num barco sozinha, tenho três irmãs: Elza de Oxóssi, Valquíria de Oxum e Beth de Oxalá. Éramos quatro mocinhas, hoje somos quatro senhoras. Portanto, em nome delas, em nome de Axé Oxumarê e de todos os Axés - de Ketu, de Gê, de Angola, de Umbanda, agradeço a vocês.

Muito obrigada a São Paulo. Muito obrigada a este povo que me recebeu de braços abertos e me fez virar gente. Agradeço muito ao Vereador Claudio Fonseca por ter me proporcionado a oportunidade de estar aqui hoje. (Palmas)

MESTRE DE CERIMÔNIAS - Ouviremos agora o toque dos atabaques em homenagem aos Orixás Ogum, Oxóssi, Oxum, Oxalá e Oxumarê.

- Entoação de cantigas ao som de atabaques.

MESTRE DE CERIMÔNIAS - “Os filhos do Ilê Asé, Oxum e Oniré se sentem honrados e agradecem a Deus, a Olorum, por você existir em nossas vidas. Nós amamos você, Mãe Ana D'Ogum”. (Palmas)

Para o encerramento desta solenidade, tem a palavra o Sr. Presidente, nobre Vereador Claudio Fonseca.

O SR. PRESIDENTE (Claudio Fonseca - PPS) - Como disse a Mãe Ana D'Ogum, ninguém faz nada sozinho. Por isso, um agradecimento especial aos meus assessores Paulo César Ferreira de Oliveira, Ailton Barros de Oliveira, José Ricardo de Oliveira, Vinícius Dennis Redondo da Silva, Mirani Aparecida da Silva, Joselina Maria Villares Ferreira Bastos, Marly Saito Sato, Maria Teresa dos Santos Gomes, Luiz Armando Fonseca, José Rubens Filho, Renan, Giovana, Gláucia, Maria, César e Rodolfo. Todos eles caminham ao meu lado e me ajudam. Um agradecimento ao pessoal do Cerimonial da Câmara, porque, sem eles, esta sessão nunca teria acontecido. E um agradecimento também ao pessoal da TV Câmara São Paulo, cinegrafistas e fotógrafos. Uma salva de palmas a todos eles! (Palmas)

Está encerrada a sessão.

ELABORADO PELA
SECRETARIA DE REGISTRO PARLAMENTAR E REVISÃO - SGP-4
PUBLICADA NO D.O.C. DE 21/01/11